

24.

Programa Continuado

Camilla Rocha Campos

Ela decide ir. Um pouco distante da sua própria vontade, ela entende que uma passagem de ônibus e um pouco de automotivação podem lhe confortar naquela noite. Fecha o computador, faz um café, troca de roupa, toma o café e sai. Ela não avisa a ninguém que está indo pois tem a certeza de que irá encontrar alguém conhecido por lá.

Ao longo do ano de 2017, aconteceu no CAPACETE o *Programa Continuado*. Um programa que contemplou, como método, encontros continuados que pe(n)savam situações e bibliografias invisibilizadas pelo processo colonial imposto pela cidade do Rio de Janeiro e, em espectro ampliado, por muitos outros lugares com passado e presente assentados em violências estruturais. O programa de caráter imaginativo e pedagógico foi proposto por mim e articulado junto a diferentes grupos de pesquisa do campo das artes, abrindo as portas do CAPACETE para uma programação autogerida e articulada com urgências éticas e corpos engajados. Assumindo o formato de “programa”, a redefinição do espaço CAPACETE aconteceu a partir de encontros regulares promovidos por esses grupos e mirou uma nova plasticidade artística de ocupação, tendo como pontos de convergência conversas sobre ecologia, identidade de gênero, anticolonialidade, antirracismo, ativismo, dentre outros. Os grupos se encontravam semanalmente no CAPACETE e, uma vez por mês, promoviam um evento público no espaço, oferecendo diálogos, falas, escutas e comprometimento ético com a estrutura do comum para o funcionamento e uso coletivo de um espaço de economia diversa e olhar autocrítico.

Ela chega. Consegue um lugar no chão perto da tela. Esperando o filme começar, se ajeita com uma almofada e, mesmo no chão, consegue se encostar para garantir à sua coluna um descanso. Pessoas ao redor buscam movimentos parecidos enquanto outras parecem cuidar da instalação de equipamentos para que tudo comece. Em 30 minutos tudo começa. O filme é *A negra de* do diretor Ousmane Sembene. Corpo aberto.

Os grupos de pesquisa e práticas em artes que compuseram o *Programa Continuado* traziam pesquisas acadêmicas, pesquisas informais e, sobretudo, modos de aprendizagem cosmológicos com interesse numa agenda comunitária e local. O comprometimento dos grupos com uma agenda anual foi o ponto motriz do programa, que confiava em um tempo estirado para que o desenvolvimento de um pensamento e a materialização de uma ideia pudesse apontar maturidade. Tempo para imaginar e criar outras maneiras de estar juntxs. Tempo para gerar outras cenas dentro dessa cidade. Tempo de colocar junto incoerências e dissimetrias categorizadas como não humanas dentro do quadro de referência dominante dessa mesma cidade. Tempo para começar a *seguir as pegadas dos mais velhos* a fim de *aprender a caminhar como eles*.



Corpo pá, práticas de memória e território. Foto: Marssares, 2017.

Aos poucos, ela se integra com a história de uma mulher negra senegalesa que vai para França trabalhar como empregada doméstica para uma família francesa. A dura realidade que a personagem principal enfrenta é confrontada com a ideia romantizada que a própria personagem tem da França e de seu povo em África. Isso é um encontro, isso afeta. Após o filme, uma roda de conversa com a pesquisadora Janaína Oliveira e com a jornalista Sil Bahia faz existir em sua frente o abismo que ela é. Aos poucos nomeia, aos poucos se encontra e se reconhece fora de si, em outros corpos.

Ao expandir seu escopo e acolher pessoas envolvidas nos movimentos próprios da cidade e suas práticas a partir dessa visão, o *Programa Continuado* passou a estabelecer como método uma interseção conceitual no espaço de residência artística. Assim, o programa borra a figura institucional e compartilha de forma efetiva as ferramentas que desenham uma outra relação possível entre agente/grupo/instituição de arte e educação. Em caráter interdisciplinar, o programa propôs que público e propositores, componentes da cena artística, tivessem assegurado um espaço de troca e exibição de suas pesquisas a longo prazo, em processo múltiplo de aprendizagem.



Programa Continuado. Foto: Joe Bugila, 2017.

O diálogo entre os grupos era incentivado e a alternância de protagonismos e escuta garantiam, para o espaço e para os grupos, práticas coerentes com suas premissas anticlassistas, antirracistas e não sexistas. O *Programa Continuado* foi composto pelos grupos: Cinema KUIR, CAPA PRETA cine circuito, MaMa Café, Corpo PÁ (práticas de corpo e território), Pequeno Laboratório (espaço de crianças), ELLA

(interlocações entre artistas), GAE Expande (Grupo de Arte e Ecologia) e Cozinha em Estado de... (comida consciente). Em comum e em prática, todos se esmeravam no compartilhamento do acesso comum à língua e à comida, dividiam a biblioteca, cozinha e banheiros; somando a isso o aprofundamento a partir das temáticas escolhidas por cada um.

Guiada até ali, não há coincidência. Corpo aberto. O encontro é sobre sua existência invisível. Ela levanta de posse de sua herança e não faz a promessa a si mesma de voltar, mas acha que volta. Ela sabe que o fluxo é impermanente. Sente a possibilidade de reinscrever seu corpo no mundo e se sente acolhida para isso. Vislumbra-se como uma coabitação entre invenção, experiência e fatalidade. Ela fecha os olhos: há companhia.

Programa Continuado, agradecido, contou com a participação continuada de: Jorge Menna Barreto, Asia Komarova, Joe Bugila, Cíntia Guedes, Ricardo Basbaum, Paula Scamparini, Gabriela Mureb, Dinah de Oliveira, Safira Moreira, Marta Lopes, Inaê Moreira, Silvia Rivera Cusicanqui, Marie Westh, Kalliopi Tsipni-Kolaza, Daniela Avellar, Vinicius Nascimento, Helena Assanti, Daniela Seixas, João Vicente, Bruna Kury, Humberto Velez, dentre mais, muitxs mais.

